

ATIVIDADE DE CAMPO COMO PRÁTICA DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

Field activity as construction practice of geographic knowledge

Wanderlei Machado dos Santos¹

Resumo: Para construir este artigo, buscamos a vivência em sala de aula, a experiência docente respaldada por autores que tem amplo conhecimento no ensino-aprendizagem. A ideia é refletir sobre a qualidade do ensino, a situação atual da educação e, especialmente, a função da geografia no atual cenário brasileiro e mundial. Entender o tempo de mudança necessários no período histórico, entender a relevância e os paradigmas das várias áreas do conhecimento, partindo do princípio que é preciso criar e recriar práticas palpáveis voltadas para a vida cotidiana do estudante, tornar a geografia algo significativo, instigando o pensar crítico, a criatividade e a percepção do estudante. A base da pesquisa traz como referencial alguns autores como Castrogiovanni, Kaercher, Paulo Freire, entre outros, elencados como profundos estudiosos da educação.

Palavras-chave: Educação. Práticas. Conhecimento geográfico.

Abstract: To build this article tried to get experience in the classroom, my teaching experience backed by authors who have extensive knowledge in teaching and learning. The idea is to reflect on the quality of education, the current situation of education and especially the role of geography in the current Brazilian and world scenario. Understand the time of change needed in the historical period, understand the relevance and the paradigms of the various areas of knowledge. Assuming you need to create and recreate tangible practices geared to the everyday life of the student. Make geography something meaningful, instigating the critical thinking, creativity, and the perception of the student. The basis of this research brings as a reference a few authors like Castrogiovanni, Kaercher, Paulo Freire among others listed as profound scholars of education.

Keywords: Education. Practices. Geographic knowledge.

Introdução

A proposta deste artigo é abrir uma discussão sobre as práticas realizadas nas aulas de geografia, breve sugestão de atividades de campo como um dos tantos processos de produção do conhecimento geográfico. Despertar a percepção da ação, propondo uma visão de mundo conectada, entendendo a complexidade dos elementos e a ligação de lugar com o mundo. Observar e dar sentido a objetos e fenômenos com sentido amplo de reflexão de suas causas e efeitos. Outro momento de reflexão sobre a prática como ação metodológica pedagógica, superando os modelos pré-concebidos ou determinados, elaborando assim, um modelo como processo de aprendizagem. O principal foco será lançar um olhar desafiador ao cotidiano “do lugar”, seja sua casa ou bairro, local de trabalho, de ocupação etc. É importante, neste contexto, despertar a curiosidade, o olhar curioso e instigador e romper com o comodismo da indiferença. A proposta é lançar mão de um olhar individualizado do pensamento, de uma visão de mundo que possa propor uma investigação dialógica, reflexiva do local e da história de cada um. Promover o debate sobre as nossas verdades absolutas ou certezas temporárias em detrimento à desordem estabelecida como resultado desta interação, que permite a existência do debate e a mudança de direção.

De acordo com Freire (1996, p. 60), “o fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem não tem nada

¹Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniassearvi.com.br

a ver com ele”. Neste sentido, precisamos pensar em práticas como fio condutor do conhecimento. A geografia nos oferece essa possibilidade de pensar o mundo, pois ele se apresenta a nós cotidianamente. Se o vejo e faço parte dele, preciso compreendê-lo em suas dimensões e complexidades.

Interpretar e simbolizar

A geografia propõe discussão de diferentes contextos, globalização, relações comerciais e capitalistas, mundo do trabalho, migrações, populações, entre outros. Temas estes ligados diretamente ao nosso cotidiano vivencial. Podemos exemplificar de forma simples: observe uma calça e veja que ela agrega o valor de uma marca, ou seja, a sua etiqueta representa as relações globais comerciais, é mais do que símbolo de consumo, está inserida a relação de comércio e do mundo do trabalho.

Partindo desse princípio, a geografia propõe inúmeras situações de interpretação, tanto de lugar como de espaço. A interpretação de imagens propõe o debate de uma problemática específica. Podemos, por exemplo, fazer uma pesquisa sobre o número de habitantes de um determinado local (bairro, cidade). Nesta atividade, utilizaremos um levantamento de dados do ano X até o ano Y, num período de dez anos. Esses dados serão representados em um gráfico (imagem representativa). O passo seguinte será a montagem desta atividade.

Objetivo proposto: analisar a taxa de crescimento médio da população do bairro, (nome) no período entre 2006 a 2016, crescimento positivo ou negativo:

- Que fatores contribuíram para o aumento populacional.
- Que fatores contribuíram para a diminuição populacional.
- Quais fatores externos (globalização) influenciaram nesse cenário.
- Que fatores internos influenciaram neste contexto.
- Se houve diminuição do contingente populacional. Que fatores foram utilizados (controle natalidade, situação econômica), diminuição no número de filhos por família.

A partir deste ponto cria-se um diagnóstico, podendo verificar várias situações: perfil econômico, traços culturais, diversidade étnica, mudanças de comportamento das famílias etc. A ideia é refletir sobre algo do cotidiano, perceber cientificamente as influências que um lugar sofre ao longo de sua história. As transformações que ocorrem em um local, por menor que seja.

As mudanças são notórias e os dados permitem análises das mais diversificadas fontes. Trabalhar uma prática com um olhar crítico, voltado para a realidade do seu local de vivência, garantindo um conhecimento consistente visível. Práticas simples promovem o debate e criam uma situação nova nos grupos de estudantes.

A socialização é o passo final, propõe a produção de conhecimento e, principalmente, a aproximação da prática aos conceitos já estudados em sala de aula, facilitando uma melhor compreensão.

A verificação e a imaginação

Tudo o que vemos de fato existe, as cidades, as florestas, os rios, os mares, os desertos. São elementos que constituem o espaço, que interagem entre si e que estão interligados, sendo capazes de grandes transformações. Hoje, a verificação apenas não basta, precisamos ter conhecimento, vemos, por exemplo, o desenvolvimento das cidades, metrópoles urbanizadas cada vez mais distribuídas no espaço. A mistura de culturas se confundem, podendo não saber ao certo onde começa uma ou termina a outra. São fenômenos naturais no atual mundo globalizado.

A geografia precisa avançar no sentido de ampliar suas fontes de análise, a verificação e

a observação propõem um pensar reflexivo, por exemplo, observar uma paisagem é contemplar um espaço vivo, presente e dinâmico. Cabe à geografia uma análise mais crítica que possa fazer com que o cidadão pense, reflita e imagine tudo o que vê como algo vivo, dinâmico.

A geografia precisa sair da inércia do pensamento genérico didático para o pensamento criativo, que valorize a imaginação e o potencial das práticas de campo. Por exemplo, observamos uma floresta. É apenas uma floresta, porém, podemos imaginar um olhar ambiental, assim teremos uma floresta nativa ou uma floresta exótica. Assim, partiremos para análise com outro olhar, um olhar investigativo, refletindo sobre o contexto dessa floresta e a importância dela no cenário local. Esta é uma das funções da geografia moderna, a de estimular a imaginação dos estudantes nos diferentes contextos.

A prática e aprendizagem

É difícil imaginar um professor de geografia que consiga êxito atendendo apenas ao material didático. Comprovadamente, as práticas educacionais associadas à teoria são muito eficazes, pois o nível de conhecimento e de aprendizagem é muito maior. No entanto, uma boa prática exige trabalho, planejamento e dedicação. Precisamos enfatizar o cenário vivido pelos educadores não só de geografia, mas de todas as ciências. Carga horária excessiva, remuneração aquém das expectativas, tudo isso é compreensível, porém não pode, de forma alguma, comprometer a aprendizagem do aluno, que é o maior prejudicado ao longo da história.

A aprendizagem é um processo longo, difícil de repetição e de persistência. A geografia sente a necessidade de criar práticas novas, capazes de melhorar a aprendizagem. Os erros e os acertos serão sucessivos e com certeza vão existir, porém, repetir práticas prontas é abrir mão da mudança na qualidade do ensino. É preciso rever conceitos, reavaliar práticas ultrapassadas e seguir em frente. Um projeto sustentável pode qualificar a aprendizagem e minimizar problemas sociais decorrentes de falhas na educação escolar. Neste sentido, enfatizamos a importância de uma aprendizagem mais consistente. No caso da geografia, as práticas de campo valorizam e qualificam com maior amplitude as teorias de sala.

A geografia precisa mais do que nunca sair da inércia do discurso e mudar sua forma de ensinar. É significativo aprender sobre as populações mundiais? É conhecimento necessário, porém precisa estar associado aos diversos contextos que envolvem as populações mundiais ou será um conhecimento vago, sem finalidade.

Outro exemplo é o estudo sobre a China. A China é um país populoso - 1,4 bilhão de habitantes - e possui uma cultura bastante peculiar. Qual a relevância dessa temática para o estudante? Pouco ou nenhuma. Porém, se a atividade estiver relacionada com a vida do estudante muda o foco de interesse. Por exemplo: vamos conhecer a cultura chinesa, a relação do país internamente (Ásia); que importância a China tem comercial e culturalmente com o mundo; com o continente americano; com o nosso país; o nosso estado; o nosso município. Com certeza vai ampliar a pesquisa.

Uma boa prática precisa estar bem planejada, embasada cientificamente e principalmente com uma temática clara e bem definida. No campo geográfico, a aprendizagem só terá significado para o estudante quando ele cria ou confronta os diferentes conceitos.

A concepção do ensino de geografia

Podemos dizer que existem, conceitualmente, duas vertentes ou concepções. Resumindo, existe a geografia real, que converge com o ensino de geografia e a geografia educadora. A distância entre uma e outra tende a zero, pois as duas vertentes se fundem numa única fonte.

Os ensinamentos da geografia com bases metodológicas programadas não são esquecidos, mas sim redescobertos.

Por exemplo, qual semelhança existe entre um conjunto habitacional de favelas no Brasil e um gueto nos EUA? O contexto se apresenta diferente, mas o perfil social é semelhante (pobreza). Assim, é possível pensar uma geografia com base bem contextualizada, em que o abstrato se apresenta de forma simples e clara. Uma geografia inovadora não constrói conceitos, mas amplia suas linhas de análise, abre a discussão para a temporalidade e propõe mudanças de olhar de um mesmo espaço.

É preciso que a geografia seja capaz de resgatar valores individuais em favor de um bem maior, que é o crescimento coletivo. O ensino e o conhecimento vêm de encontro com a necessidade de que é preciso “saber para saber fazer melhor”.

As barreiras são muitas, cada processo de ensino sintetiza uma forma de aprendizagem, o que percebemos nos conteúdos programáticos é a forma com que o processo é traduzido para o ensino-aprendizagem. Neste caminho, retomamos a ideia de transformação partindo do pressuposto que os conteúdos e programas não são irreversíveis, são ferramentas que podem ser utilizadas como banco de informações, como fonte referencial de estudos. Quem elabora esses conteúdos? Para quem? Assim podemos, modestamente, reforçar a ideia de que não é necessário abrir mão de práticas conceituais programáticas, mas aproveitar e remodelar um novo momento histórico, um período de demandas cada vez mais desafiadoras no ensino da geografia.

A concepção de uma geografia educadora

Existe um grande sonho utópico na geografia educadora, cheia de boas intenções, porém, a realidade efetiva sobrepõe à ideia que sonham nossos projetos. Neste viés, podemos dizer que nesta categoria o desejo social de que o professor assuma responsabilidade que não é sua. Cria-se um paradoxo de que o professor precisa ensinar limites, respeitando quando esta função foge da responsabilidade de famílias e da sociedade.

A geografia educadora parte para a ação pedagógica, onde busca inovar práticas educativas capazes de alinhar e nivelar deficiências de aprendizagem. Cabe à geografia educadora organizar práticas, interações e dinâmicas que deem plenas condições de aprendizagem, atividades prazerosas com resultados, portanto, o professor precisa mediar, construir práticas dialógicas e reconstruir um espaço tomado por sucessivos bombardeios de informações vagas sem conteúdos educativos.

Acreditamos que, para qualquer proposta de práticas prazerosas no fazer escolar, deve haver entendimento, inicialmente, do que é geografia. Somos o que somos pela nossa história, portanto, toda ciência é o que é pela sua história. De fato, as mudanças acompanham os ritmos de um período histórico, a prática docente está alicerçada na formação do professor, sua tendência metodológica normalmente segue caminhos do seu tempo de formação (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 35).

Em suma, podemos dizer que o professor ensina o que aprendeu. Isso é fato, porém, os tempos são outros. Aí surge muitos questionamentos. Por exemplo: o aluno é o mesmo, tem a mesma idade, 12 anos, e estuda no 7º ano. No ano seguinte, o 7º ano terá a mesma idade. A questão é: deve o professor entrar na sala e soltar o verbo (no meu tempo era assim, os alunos respeitavam etc.)?

O fato é relevante quando percebemos uma inversão de responsabilidades. Podemos claramente vislumbrar a falência da educação, pois os resultados falam por si: violência, intolerância, manifestações racistas discriminatórias etc. Ao buscar compreender essa realidade, um

primeiro passo é constatar que a relação da juventude com a escola não se explica em si mesma, pois o “problema” não se resume apenas aos jovens, muito menos à escola e aos seus professores. É fundamental superar a nossa tendência em achar “o culpado” de um relacionamento problemático. Seria ilusório acreditar que assim estaríamos enfrentando a complexidade dos desafios cotidianos. Não podemos esquecer que a instituição escolar e os atores que lhes dão vida - professores, alunos, gestores, funcionários, familiares, entre outros - são parte integrante da sociedade e expressam de alguma forma os problemas e desafios sociais mais amplos.

As novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2012) apontam para a centralidade dos jovens estudantes como sujeitos do processo educativo. No parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE, 2011), que a fundamenta, fica explícita a necessidade de uma “reinvenção” da escola de tal forma a garantir o que propõe o artigo III, ou seja, “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”, e também o artigo VII, “o reconhecimento e aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, das formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes”.

A geografia e o paradigma da mudança

As mudanças de postura não são simples. A funcionalidade de cada uma tem em suas origens a raiz dominadora da função social que deve exercer, o tempo passa e práticas sem importância continuam permeando a comunidade estudantil. A geografia tem buscado caminhos novos, atrativos que contextualizam a vida do estudante, vemos muitos autores envolvidos com práticas mais autênticas, comprometidos com as mudanças tão necessárias na atual fase de carência e de renovação no campo do ensino.

Para Vesentini (2011, p. 3), “há um caminhar no sentido de uma educação orientada para se desenvolver nos educandos, determinadas como competências, habilidades e inteligências múltiplas; uma transição da escola conteudista para uma escola de competências”.

De fato, para muitos a geografia continua com sua forma desinteressante, que estimula a “decoreba”, saber nome de rios, montanhas, latitudes e longitudes, porém, percebemos mudanças significativas neste início de século, em que a geografia vem colocando o ser humano no centro de suas preocupações e a reflexão é sobre as ações humanas sobre o meio em todas as dimensões.

Podemos dizer que a geografia se preocupa com a ordem e a desordem do planeta. É um instrumento de poder para quem detém o conhecimento. Neste sentido, as experiências pedagógicas precisam valorizar e facilitar o processo interativo, apresentando significado no objeto estudado, saindo do abstratíssimo e partindo para o concreto, para a percepção do verdadeiro papel social da escola.

Objeto de estudo da Geografia

O objeto de estudo da geografia continua sendo o espaço geográfico. Ele é palco da atuação humana, construído historicamente. É um conjunto de objetos de ações, não pode ser considerado separadamente. O campo de reflexão e análise é a ação dos diferentes grupos e as práticas sociais que ocorrem nesse espaço.

Não basta entender o espaço como produto isolado, inerte aos vários movimentos que nele ocorrem. É preciso contextualizar o sujeito às contradições e aos conflitos sociais para avaliar o grau de apropriação e de organização do espaço. “Ante aos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um triunfo indispensável à humanidade na construção dos ideais da paz,

da liberdade e da justiça social” (LA FONTAINE apud VESENTINI, 2011, p. 12).

Vivemos um momento de mudanças, um período de transição, por isso os desafios não são somente da geografia, mas da educação em si, que são bem maiores. O mundo se apresenta de uma forma brutal no sentido dos valores individuais humanos e a educação não pode fazer muita coisa para mudar essa situação. É possível conceber uma educação que possa minimizar conflitos ou desenvolver conhecimentos de forma pacífica, porém, a tarefa é difícil.

Considerações finais

O fato de produzir uma simples reflexão sobre as práticas educacionais nos faz pensar que todo o esforço para mudanças é válido. A educação precisa transmitir saberes de forma eficiente, balizar ferramentas úteis e práticas adaptadas à realidade do cidadão, em que o estudante é principal foco da transformação. É preciso emergir da neutralidade e comprometer-se com as bases de competências do futuro. Precisamos assinalar com referências que alertem as pessoas da sua importância como ser, cidadão e agente capaz de mudanças individuais e coletivas.

À educação cabe a missão de conceder de forma implícita os caminhos a serem seguidos. Nesta visão geográfica, precisamos ser mais atuantes e perseverantes, procurando aliviar a bagagem cada vez mais pesada sobre o estudante, excluindo conteúdos inadequados, descontextualizados e sem valor para sua vida cotidiana. Não basta acumular uma grande quantidade de conhecimento, é preciso aproveitar do início ao fim de sua vida.

Podemos concluir que todos os espaços são mutáveis, inclusive a ciência geográfica, com suas especificidades. Entendemos que nenhuma prática pode ser neutra na sua objetividade, pois todas são significativas e importantes, e mesmo as práticas tradicionais devem ser aproveitadas. As mudanças são necessárias em função do novo período histórico, precisamos de práticas que venham resgatar a autoconfiança dos estudantes.

É difícil afirmar a eficiência desta ou daquela prática. A prática deve estar contextualizada, partindo do viés da informação para o conhecimento situado em um todo. Para Reffatti (2007, p. 52), “o vazio deixado pelos meios de comunicação abre um leque de possibilidades para o trabalho daqueles que estão voltados para o ensino de temas geográficos. Nesse meio, é possível desenvolver uma leitura articulada e problematizada com outras áreas do conhecimento”.

Podemos dizer que, de fato, as áreas do conhecimento precisam formar uma única frente, capaz de atender às demandas e convencer os nossos estudantes da necessidade de aprender. É preciso motivá-los, entendendo que a aversão ao estudo é fruto cultural. O ensino satisfatório vai ocorrer quando houver troca entre os pares, o insucesso neste processo pode estar atrelado à fragmentação do ensino e principalmente à falsa ilusão de autonomia entre as diversas áreas do conhecimento.

Referências

BERTRAND, Y. **Teorias contemporâneas da educação**. 2.ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 2012. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 13 maio 2016.

CASTROGEVANNI, A.C. (org). Kaercher & cols. **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

PUNTEL, Geovane Aparecida. **Os mistérios de aprender e ensinar geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

REFFATTI, Lucimara Vizzotto. **Entre o espaço e a responsabilidade social**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VESENTINI, Jose William. **Geografia: o mundo em transição**. São Paulo: Ática, 2011.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.

